

UM RECORTE *IPSIS LITTERIS*: LEITURA, PESQUISA E PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO CHARGE

DAGOSTIM, Cristiane Gonçalves¹

Resumo: Esta pesquisa é um recorte da minha Dissertação de Mestrado intitulada “A charge – funcionamento e efeitos de sentido em atividades escolares: leitura, pesquisa e produção textual”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina, defendida em 2009. O que aqui apresento são transcrições *ipsis litteris* da dissertação que teve o objetivo de verificar a possibilidade de utilização do gênero discursivo charge na escola e investigar os efeitos de sentido (inclusive os de caráter metafórico) no discurso dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, assim como a forma de funcionamento das charges. A dissertação teve como embasamento teórico a Análise de Discurso de linha francesa, especialmente sob a perspectiva dos trabalhos desenvolvidos por Orlandi, e considerou a metodologia de trabalho pedagógico da Proposta Curricular de Santa Catarina no desenvolvimento das atividades de campo realizadas em uma escola particular de ensino fundamental e médio, mais especificamente na disciplina de Redação (Produção Textual).

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ensino. Charge. Metáfora.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por se tratar de um resumo expandido, apresentarei aqui um panorama da pesquisa base, todavia, a Dissertação se encontra em versão digital, publicada em meio eletrônico², e poderá ser consultada em sua totalidade.

Segundo Orlandi (2003, p. 15), a linguagem é “trabalho simbólico” com o qual se constrói a personalidade, o senso de humano e de humanidade. Por ela, o homem é construído e moldado e, por isso mesmo, não é dada de forma acabada e perene. Sem a intermediação da linguagem é impossível a participação do sujeito no transcurso da história. É por meio do contato ocasionado pelo processo linguístico que o sujeito passa a compreender o mundo e as coisas. E é a interação verbal que constitui a linguagem e o sujeito. Dessa forma, é pela linguagem, sedimentada no transcurso histórico, que se entra em contato com o mundo e as pessoas, visto que não há sujeito fora da história.

Tal interação verbal poderá ser propiciada por meio dos diferentes gêneros discursivos, sejam eles orais ou escritos, formais ou informais, sendo que, de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998), deveriam ser utilizados no âmbito escolar. O jornal impresso, por exemplo, utiliza-se de uma grande variedade de gêneros discursivos; cada matéria procura atingir um determinado público e apresenta características definidas. Encontram-se assim: notícias, reportagens, artigos de opinião, cartas ao leitor, charges, entre outros. Nas charges, assim como em outros gêneros, observa-se a

¹ Mestre em Ciência da Linguagem e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem. Bolsista do Projeto Observatório da Educação (CAPES).

² Disponível em: < http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/98633_Cristiane.pdf>.

existência de um estilo próprio. Percebe-se nelas a presença de ideologias no exercício discursivo, e o uso da linguagem verbal e não-verbal auxilia no efeito metafórico dado ao discurso.

Assim, por meio do gênero discursivo charge é possível compreender efeitos ideológicos e conhecer os efeitos metafóricos que circulam na sociedade. É por meio do discurso, de acordo com Brandão (1997), que ocorre a articulação entre saber e poder, visto que quem fala, fala de algum lugar, e para um público determinado. Esse discurso, quando tido como verdadeiro, torna-se gerador de poder. Dessa forma, as charges precisam ser analisadas enquanto discurso. É preciso ficar atento às informações que circulam nelas, visto que se trata de um gênero impregnado de recursos que estimulam o receptor, levando-o à reflexão e desenvolvendo a criticidade.

Assim, para que a charge alcance seu objetivo prático, que é o de retratar situações atuais por meio do efeito metafórico, a linguagem recebe uma total importância por parte do chargista, o qual procura atrair a atenção do receptor, alcançando seus sentimentos e instintos. E, para tanto, o chargista precisa conhecer os recursos de que a linguagem dispõe. A charge pode ser considerada uma crônica social, formada pelo cruzamento do verbal e do não-verbal, por isso que se torna importante conhecer os recursos para a construção e o recebimento do sentido. Para compreender a charge é necessário entender o processo de produção e como acontecem tais efeitos de sentido.

A teoria da Análise de Discurso (doravante AD), em uma definição geral, pretende compreender a linguagem e seu funcionamento no interior da sociedade. Esta atividade linguística pressupõe a interação homem-língua-mundo. E, segundo Orlandi (2001), a linha francesa entende o sujeito, a linguagem e os sentidos como partes de um todo interacional e indissociável. O sujeito é clivado, dividido entre o “eu” e “o outro”, e nisso o discurso se configura como a relação entre sujeitos e sentidos entendidos como aquilo que coloca o linguístico em articulação com a história, com a ideologia.

Ainda, segundo essa autora, esse pressuposto é parte do dispositivo analítico para a AD, de grande importância, o que possibilita ao analista construir outras relações de sentido, demonstrar o caráter opaco da linguagem e destruir a ilusão de transparência da linguagem. Além disso, a paráfrase é constitutiva do discurso, pois o já-dito também significa e se faz presente. Ela joga com a polissemia, com o equívoco e, assim, as palavras mudam de sentido, segundo posições daqueles que as utilizam; inscrições que ela estabelece com a formação ideológica e, ainda, a cada nova condição de produção. Mas seu uso anterior, isto é, o já-dito, significa no discurso atual. Assim, segundo Orlandi, a discursividade poderá ser trabalhada

observando-se os gestos de produção, compreendendo, dessa forma, a base da produção que gera sentido ao texto.

A AD é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nela a intervenção do político, do ideológico, ou seja, o fato mesmo do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. A AD, de acordo Orlandi (2003), reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão, apresentando-se como uma teoria da interpretação no sentido forte. Isto significa que essa põe a questão da interpretação, ou melhor, a interpretação é colocada em questão pela AD. O sentido para a AD é uma questão aberta (não se tem acesso ao sentido como tal, ele não se fecha, não há sentido em si); da mesma forma, para ela, a interpretação não se fecha, tem-se a ilusão de seu fechamento, quando na realidade só se tem seus efeitos.

Essa teoria se define, então, na maneira como trata o efeito metafórico, a interpretação. Por meio do uso de efeito metafórico, para provocar a mudança de sentido é que o sujeito se constitui; assim, a língua e a história são ligadas pelo equívoco. Tal característica define o trabalho ideológico, ou seja, o trabalho da interpretação. O equívoco remete, pois, ao modo de funcionamento da ideologia, a qual se faz presente por uma ausência necessária. Desse modo, para Orlandi (2003), a interpretação deve ser observada na relação sujeito e discurso.

A teoria da AD de linha francesa permite este tipo de investigação, já que não reconhece o discurso apenas como transmissão de informação, mas sim como efeito de sentido entre locutores, relacionando o discurso a suas condições de produção e à sua exterioridade.

2. METODOLOGIA

Durante as aulas de Redação (Produção Textual) de uma escola particular de Criciúma (SC), no período de agosto a dezembro de 2008, os alunos de três turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental desenvolveram diversas atividades com o apoio de textos do gênero charge. As atividades partiram de um planejamento feito por mim, visto que na época eu era a professora titular da disciplina, e, após a elaboração das sequências didáticas, solicitei a aprovação da direção para então iniciar o processo em sala de aula.

Após aprovado o planejamento pela direção, iniciei as atividades durante as aulas de Língua Portuguesa, as quais aconteceram semanalmente, uma vez por semana, com

duração de 45 minutos. No início, foi preciso conversar com os alunos, explicando-lhes todo o processo, uma vez que possuem apostila, que seria utilizada em pouquíssimos momentos durante o estudo. Na verdade, durante as atividades, não utilizamos o material; este apresentava as tipologias textuais escolarizadas (narração, descrição e dissertação) e o gênero charge era apresentado apenas como pretexto para o estudo gramatical. Estabeleci como objetivos das atividades planejadas: a) Conhecer o gênero discursivo charge; b) Compreender o discurso presente na charge; c) Desenvolver a oralidade e a escrita por meio do gênero em questão; d) Verificar as possíveis interpretações a partir da charge; e) Verificar o efeito metafórico a partir do uso de figuras de linguagem no cruzamento do verbal com o não-verbal.

Após a explicação, iniciei as etapas do projeto, fazendo primeiro um processo de diagnóstico a fim de detectar o que os alunos já sabiam a respeito do assunto charge – nível de desenvolvimento real – considerando nesta etapa os processos de desenvolvimento segundo Vigotski (2007; 2008). A coleta de dados se encontra registrada na versão final da dissertação de mestrado e pode ser conferida na íntegra. De forma resumida, no quadro abaixo procuro simplificar cada etapa do projeto:

04 de agosto de 2008	Produção a partir de charge “Lei Seca”
26 de agosto de 2008	Produção a partir de charge “Olimpíadas”
08 de setembro de 2008	Questionário
Mês de setembro de 2008	Pesquisa (laboratório)
03 de novembro de 2008	Entrega da pesquisa
Novembro de 2008	Apresentações das três charges
01 de dezembro de 2008	Atividade “Trabalhando com Charges”
04 de dezembro de 2008	Produção de charge (Artes)
08 de dezembro de 2008	Interpretação da charge elaborada em Artes
11 de dezembro de 2008	Questionário

Tabela 1. Quadro das etapas do projeto.

Esta pesquisa teve como *corpus* de análise as atividades desenvolvidas por cinco (5) alunos, representando as três turmas de oitavo ano (A, B, e C), e um questionário, respondido antes e depois das atividades desenvolvidas. Os nomes utilizados no decorrer das análises são fictícios, para preservar a identidade dos alunos. Além de eles serem de turmas diferentes, os trabalhos apresentam características comuns aos dos demais colegas (A: 29 alunos; B: 27 alunos e C: 20 alunos); são meus alunos desde o sexto ano e os pais autorizaram o uso dos trabalhos para fins de pesquisa.

3. ANÁLISE DE PRODUÇÃO TEXTUAL: “LEI SECA”

A lei 11.705, mais conhecida como “lei seca”, entrou em vigor em 20 de junho de 2008, determinando tolerância zero ao consumo de bebidas alcoólicas pelos motoristas brasileiros. Depois de anunciada, muitas críticas surgiram em relação à eficácia da determinação e se realmente seria respeitada pela população. De acordo com a lei, qualquer pessoa flagrada com mais de dois decigramas de álcool por litro de sangue ou 0,1 mg por litro de ar expelido no bafômetro está passível de punições administrativas, sendo uma delas a própria prisão por infração gravíssima. Antes da sanção da lei, somente poderia ser preso quem fosse apanhado embriagado e se envolvesse em acidente ou dirigisse perigosamente.

O assunto da “lei seca” foi discutido por todas as mídias de comunicação, causando um verdadeiro debate entre a população brasileira. Em meio a críticas, informações a respeito da lei e até mesmo à conscientização dos motoristas sobre o perigo de dirigir após a ingestão de bebidas alcoólicas, Zé Dassilva, em 24 de julho de 2008, publica a charge abaixo.



Figura 1. Charge 03. *Diário Catarinense*. 24 jun. 2008. p. 03

Aproveitando os calorosos debates em torno da “Lei Seca”, selecionei a charge para inseri-la no contexto de sala de aula. A fim de verificar a compreensão dos alunos, no dia 4 de agosto de 2008, ao desenvolver a temática da prova mensal da disciplina de Redação, os alunos se depararam com a charge de Zé Dassilva.

1.1. Texto 1 – Lição sábia (Carla)

Valdir era um homem sem juízo, vivia perdendo o emprego. Morava com seu amigo Daniel, viviam em festas que quase sempre aconteciam longe de casa. Voltavam sempre bêbados e nunca conseguiam acordar cedo para ir trabalhar no dia seguinte.

- Daniel! Tem uma festa amanhã, quinta-feira! – convidou Valdir, entusiasmado para ir.

- Onde acontecerá? É perto? – questionou Daniel.

- É logo ali! Vamos?

- Tudo bem, vamos! – aceitou Daniel.

No dia seguinte, às nove horas da noite, já estavam de saída. Valdir comentou no caminho:

- Essa festa vai ser uma das melhores!

- Pode até ser! – concordou Daniel – Mas vai ter que ser a última! Meu chefe já está perturbando! – disse Daniel.

Depois de estarem embriagados, voltaram para casa. Mas, no caminho, foram surpreendidos por um policial.

- Sobre até eu dizer chega! – ordenou o policial.

Valdir fez o que ele mandou. A máquina apontou que ele estava embriagado. Naquele dia, Valdir foi preso e tomou uma lição do policial.

- Lamento, senhor: álcool, agora, só pro carro!

As redações escritas pelos alunos, bem como a exemplificada acima, tiveram como ponto de partida a charge sobre a Lei Seca. Além disso, os alunos precisaram desenvolver o texto finalizando-o com o enunciado proferido pelo personagem da charge no papel de frentista: “*Lamento senhor: álcool, agora, só pro carro!*”. O contexto de sala de aula era de prova, uma vez que a produção textual proposta referia-se à prova mensal do terceiro bimestre. Durante este período, os alunos estudaram o tipo textual *narração*, os elementos mais importantes da estrutura narrativa, além da diferença entre discurso direto e indireto.

Provavelmente, motivados pelo estudo do discurso direto e pelo fato de precisarem finalizar o texto com uma fala (frentista), o tipo de discurso predominante foi justamente o direto. A dissertação não teve o intuito de verificar se os textos apresentam os elementos da narrativa, tampouco verificar a sequência narrativa na construção dos textos, e por isso o texto (lá e aqui) foi transcrito conforme redigido pela aluna, sem alterações. Compreender os efeitos de sentido, a polifonia e a intertextualidade presentes no texto, para esta pesquisa, é o que considerarei mais importante.

O texto de Carla apresenta o personagem Valdir como um homem sem juízo, que não para no emprego, mora com o amigo e frequenta várias festas, voltando sempre alcoolizado para casa. Após aproveitar uma das festas acompanhado de seu amigo, no retorno para casa, é surpreendido por um policial que lhe ordena fazer o teste do bafômetro. Após soprar na máquina, esta acusa embriaguez e Valdir é preso. Percebe-se nesse texto a relação com o contexto social, ou seja, a relação bafômetro > álcool > prisão.

A aluna, ao contar a história, aproveita-se de discursos veiculados na mídia e discutidos nos lares, tais como: “*Beber leva à prisão*”, “*A polícia fará o teste do bafômetro*”, “*Dirigir alcoolizado é perigoso*”. É necessário perceber a mudança entre as falas presentes nos dois textos (charge e texto escolar); Zé Dassilva utiliza-se do frentista para dar a lição de moral ao mesmo passo que brinca com a ironia e o humor; já Carla, estende à fala ao policial, este é quem dá a lição, finalizando o discurso.

Ocorre aqui uma transferência, ou seja, a aluna relaciona o policial ao discurso da lei, ao não cumprimento daquilo que verbaliza, remete a ações errôneas e a transgressões. Provavelmente, para Carla, frentista é visto como um cidadão comum e, por isso, a sua fala não apresenta grande valor; motivo este que fez com que ocorresse a troca de personagens no momento da produção textual.

Atentando à redação, verifica-se a relação do discurso com as vozes veiculadas socialmente. Muito do que escreveram nos textos tem influência direta dos discursos produzidos pela mídia e pelas próprias famílias. Saber das punições, do teste do bafômetro e reconhecer a função do policial como autoridade para a efetivação da lei são registros importantes encontrados no decorrer dos textos analisados na dissertação, demonstrando a existência da polifonia e da intertextualidade na construção dos discursos. Para provocar o contraste, parece que os alunos sentiram necessidade de polemizar: o alcoólatra e a Lei Seca, uma vez que a própria charge sugere isso ao retratar o motorista solicitando álcool ao frentista por meio de uma fala irônica.

No estudo do discurso, é preciso estar atento ao que foi dito e dado como pronto, mas também é necessário verificar as relações desse dado com o já-dito e até mesmo com o não-dito, considerando sempre a posição sócio-histórica dos envolvidos no processo. Sendo assim, é importante lembrar que a análise exposta na dissertação de mestrado tem como *corpus* os trabalhos produzidos por alunos de uma escola particular, os quais possuem acesso a recursos tecnológicos, além de acesso à cultura letrada.

Carla Beatriz Frasson, em seu artigo, cita Gregolin (2003, p. 27), ao escrever a respeito das “formas-sujeito” na AD.³

O sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido, um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva.

Ainda de acordo com Frasson, o indivíduo não é livre de interferências ao produzir o discurso, pelo contrário, o seu discurso é resultado de já-ditos que são interiorizados devido às exposições sócio-históricas sofridas pelo sujeito e às quais todos estamos submetidos. Corroborando esse dizer, é preciso compreender que textos simples, como os aqui apresentados, são permeados por ditos e não-ditos; por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos, o discurso ganha sentido e, por isso, não pode ser visto apenas como transmissão de informação.

4. RESULTADOS

Os resultados apontam que o uso do gênero discursivo charge no ensino: a) é de grande relevância, uma vez que aguça a criticidade dos alunos, levando-os à reflexão e à discussão da realidade que os cerca; b) propicia a reflexão quanto ao uso das metáforas e do efeito metafórico obtido pela associação entre a linguagem verbal e não-verbal; c) auxilia no aprimoramento da escrita de textos, principalmente aqueles de caráter argumentativo, como a crônica; d) envolve os alunos com o processo de ensino-aprendizagem, visto que eles próprios ajudam a conduzir as aulas por meio dos debates, e o professor torna-se um mediador.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**. 1998.

FRASSON, C. B. **Análise do Discurso: Considerações básicas**. Disponível em: <<http://www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0612.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

³ Disponível em: <<http://www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0612.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998. p. 103-117.

_____. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.